

GEOPOLÍTICA MUNDIAL E AMERICANA'S GRAND NATIONAL STRATEGY: DIÁLOGOS EPISTEMOLÓGICOS INDISSOCIÁVEIS

Guilherme Sandoval Góes¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a conexão epistemológica envolvendo a geopolítica mundial e as grandes estratégias de segurança nacional dos Estados Unidos da América (EUA). Nesse sentido, no âmbito da mundialidade pós-eurocêntrica, colima-se realizar estudos referentes aos modelos estratégicos norte-americanos e seus impactos na formação da ordem geopolítica mundial. Para tanto, serão estudadas as principais estratégias globais estadunidenses, desde o modelo estratégico da Contenção de George Frost Kennan até a Doutrina Trump do “América em primeiro lugar”, perpassando-se, antes, pelo paradigma estratégico do Engajamento e da Ampliação de Bill Clinton, pela construção estratégica da Doutrina Bush da era pós-11 de setembro e, finalmente, pela Estratégia de reconstrução nacional e liderança global de Barack Obama. É nesse sentido que o hodierno estudioso das relações internacionais tem a tarefa de identificar os vínculos indissociáveis entre a geopolítica mundial e a evolução do pensamento estratégico norte-americano.

Palavras-chave: Geoestratégia da Contenção. Estratégia do Engajamento e Ampliação. Doutrina Bush (Defendendo a nação contra seus inimigos). Doutrina Obama (Renovação nacional e liderança global). Doutrina Trump (América em primeiro lugar).

¹ Pós-Doutorando em Geopolítica, Cultura e Direito. Universidade da Força Aérea (UNIFA). Rio de Janeiro - RJ. E-mail: guilherme.sandoval@terra.com.br.

INTRODUÇÃO TEMÁTICA

O estudioso das relações internacionais contemporâneas, independentemente de ser geopolítico ou internacionalista, deve ser capaz de compreender as vinculações epistemológicas que ligam as ações dos Estados centrais e suas respectivas estruturas de poder hegemônico, que se imbricam de tal maneira que acabam desaguando na construção de um determinado paradigma de ordem mundial.

Com efeito, desde o surgimento do mundo westfaliano pós-1648, o centro da geopolítica mundial vem concebendo arquétipos estratégicos que transcendem o escopo de sua simples nacionalidade, para invadir a territorialidade dos demais países, moldando assim o cenário internacional de acordo com seus próprios interesses vitais².

É por isso que a presente obra acadêmica tem o objetivo de sistematizar os diálogos epistemológicos indissociáveis entre a mundialidade pós-eurocêntrica (mundo pós-Segunda Guerra Mundial) e as grandes estratégias de segurança nacional dos Estados Unidos (NSS - National Security Strategy).

Pretende-se, portanto, examinar cada um desses arquétipos norte-americanos com o desiderato acadêmico de compreender-lhes o significado, organizá-los sistematicamente e, finalmente, apontar, no plano conceitual, o alicerce teórico que lhes deu fundamento. Firme, pois, nossa convicção de que o estrategista do século XXI tem o desafio de compreender a evolução dos paradigmas da ordem mundial à luz dessas grandes estratégias americanas, tal é, em essência, a gênese de sua construção.

Em consequência, é imperioso examinar cinco grandes estratégias norte-americanas, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje:

a) **Estratégia da Contenção** (Doutrina Kennan), paradigma estratégico concebido para deter a expansão soviética e que vigorou

² Isto quer dizer que examinar a conjuntura internacional de uma determinada época da História da humanidade não deixa de significar avaliar os reflexos das grandes estratégias nacionais de potências hegemônicas, que se projetam sobre os demais Estados do sistema internacional. Como bem destaca André Beaufre “a estratégia não deve ser uma doutrina única, mas um método de pensamento, permitindo classificar e hierarquizar acontecimentos e, depois, escolher os procedimentos mais eficazes. A cada situação corresponde uma estratégia particular; toda estratégia pode ser a melhor em uma das conjunturas possíveis, e detestável em outras conjunturas. Aí está a verdade essencial. (BEAUFRE, 1998, p. 20).

durante toda a Guerra Fria³;

b) **Estratégia do Engajamento e da Ampliação** (Doutrina Clinton), engendrada no início dos anos 90 e desenvolvida a partir do colapso do Império soviético, sendo a base do fenômeno da globalização da economia⁴;

c) **Estratégia da Guerra ao Terror** (Doutrina BUSH), configuração pós-11 de setembro e cuja linha dominante é a imposição da chamada pax americana, aqui vislumbrada como uma ordem unipolar do tipo ou é meu amigo ou é meu inimigo⁵;

d) **Estratégia das Alianças Transoceânicas** (Doutrina Obama), arquétipo estratégico que busca a reconstrução hegemônica dos EUA a partir da retomada da sua liderança global e seu engrandecimento econômico⁶;

e) **Estratégia do “América em Primeiro lugar”** (Doutrina Trump), concepção estratégica que denega a teoria da tríade e cria as bases para a implantação da era da (des)globalização da economia e do isolacionismo internacional dos EUA⁷.

Urge, pois, deslocar para a centralidade dos estudos acadêmicos da contemporaneidade, o diálogo epistemológico que se perfaz entre duas ordens científicas distintas, quais sejam: de um lado, a evolução da ordem geopolítica mundial e, do outro, a evolução das estratégias de segurança nacional dos Estados Unidos.

Com tal tipo de inteligência em mente, é mais fácil ler a ordem ou

³ Sob o rótulo genérico de Geoestratégia da Contenção, desponta uma série de políticas externas dos Estados Unidos voltadas para impedir a expansão do comunismo ao longo do planeta. Seu principal idealizador foi George Frost Kennan.

⁴ UNITED STATES. U. S. National Strategy of Engagement and Enlargement. Administration of William Clinton. Washington, D.C. Press, feb. 1996.

⁵ UNITED STATES. U.S. National Strategy of Defending The Nation Against Its Enemies. Administration of George W. Bush. Washington, D.C. Press, sep. 2002.

⁶ UNITED STATES. U.S. National Strategy of Nation Renewal and Global Leadership. Administration of Barack Obama. Washington, D.C. Press, may. 2010.

⁷ UNITED STATES. U.S. National Strategy of Making America Great Again. Administration of Donald Trump. Washington, D.C. Press, dec. 2017.

desordem mundial⁸ a partir de marco científico mais sofisticado e que seja coerente - a um só tempo - com o jogo geopolítico de poder de Estados dominantes e o grau de eficácia de suas estruturas de hegemonia global.

De fato, a geopolítica mundial sofreu e vem sofrendo, nos últimos anos, o impacto de um conjunto denso de mutações estratégicas, identificadas sob o rotulo genérico de *pax americana*. Trata-se da tentativa de imposição de uma ordem mundial unipolar controlada pelos Estados Unidos e calcada na “ontogenia do leviatã geopolítico”, único ente capaz de garantir paz e segurança ao sistema internacional.

Dessarte, com espeque no aporte lógico-conceitual trazido pelo giro estratégico da política internacional estadunidense, a figura abaixo sintetiza a tensão dialética entre o quadro de distribuição de poder mundial e os interesses vitais dos Estados Unidos, ou seja, entre a geopolítica mundial e as estratégias de segurança nacional daquele País, desde 1945 até os dias de hoje.



⁸ É nesse diapasão que se vive a era da desordem mundial, tão bem esgrimida pelo saudoso mestre Luiz Alberto Moniz Bandeira quando destaca que: “A Ciência Política necessita estudar a ontogênese do Estado, no processo da opressiva acumulação do poder capitalista, que não apenas se nega, (...), mas igualmente anula a negação, ao longo da história e da evolução da economia mundial (...) Há uma relação recíproca, de ação e reação, entre os acontecimentos, daí que temos de estudá-los em todas as suas dimensões ontológicas, sob novos e diversos ângulos, dado que a história evolui ad infinitum, não de forma retilínea, mas em espiral e, às vezes, em curvas, dobras e linhas alternadas”. (MONIZ BANDEIRA, 2016, p. 24/25).

É por tudo isso que o presente trabalho acadêmico pretende investigar a evolução da ordem geopolítica mundial, desde o desfalecimento do mundo eurocêntrico, em 1945, passando-se pela queda do muro de Berlim, em 1989, pela queda das Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, pela crise financeira neoliberal, em 2008, até, finalmente, chegar aos dias atuais, onde desponta fato novo e surpreendente atrelado ao fenômeno da (des)globalização.

Enfim, este é o espectro temático do presente artigo.

A DOCTRINA KENNAN (*NATIONAL SECURITY STRATEGY OF CONTAINMENT*) E O PARADIGMA MACKINDERIANO-SPYKMANIANO DA GUERRA FRIA.

Para uma melhor compreensão do vínculo epistemológico entre o contexto da Guerra Fria e a U.S. National Security Strategy of Containment, é natural que se faça, antes, uma breve referência ao paradigma geopolítico que lhe era anterior, isto é, a ordem mundial eurocêntrica.

O mundo eurocêntrico nasce da transição do feudalismo para o absolutismo monárquico a partir do fim das Guerras Religiosas (Guerra dos Trinta Anos), ocasião em que se desconstrói o paradigma de soberania dual ou parcelada da Idade Média (poder temporal do Rei versus poder eclesiástico do Papa), despontando em seu lugar a soberania absoluta do Estado moderno regido pela ordem westfaliana pós-1648⁹.

No plano da geopolítica global, a Paz de Vestfália de 1648 marca o início da sociedade internacional de Estados nacionais soberanos, calcada no equilíbrio de poder das grandes potências europeias. Realmente, nesse sentido, Benno Teschke, tentando desfazer o mito westfaliano como evento inaugural da estatalidade moderna, destaca que o Estado territorial pós-1648 tinha caráter absolutista, que não conhecia nenhum tipo de restrição, daí a necessidade de equilíbrio de poder entre impérios:

⁹ Na visão de Henry Kissinger “Jamais existiu uma ordem mundial que fosse verdadeiramente global. (...) Um século de conflitos sectários e convulsões políticas através da Europa Central havia culminado na Guerra dos Trinta Anos de 1618-1648 – uma conflagração na qual se confundiam disputas políticas e religiosas. (...) A paz vestfaliana refletiu uma acomodação de ordem prática à realidade, não um insight moral excepcional. (...) Ela se baseava num sistema de Estados independentes que renunciavam à interferência nos assuntos internos uns dos outros e limitavam as respectivas ambições por meio de um **equilíbrio geral de poder**”. (KISSINGER, 2015, p. 10-11)

Existia algum limite sistêmico para a expansão geopolítica absolutista? Podemos identificar alguns princípios de ordem geopolítica do início do período moderno, que fossem reconhecidos de modo geral? Essas questões podem ser respondidas colocando-as no contexto das concepções rivais de ordem geopolítica: império e equilíbrio de poder. (TESCHKE, 2003, p. 233¹⁰).

Com efeito, foi a dualidade Império-Equilíbrio de Poder que regeu o mundo eurocêntrico, controlado pelas potências centrais, notadamente Reino Unido, França e Alemanha e cujas disputas geopolíticas gestaram as grandes Guerras da História da Humanidade, quais sejam: as Guerras Napoleônicas e as duas Grandes Guerras Mundiais.

É nesse diapasão que se pode dizer que o sistema eurocêntrico experimentou realidades geopolíticas disruptivas¹¹, mas que, no entanto, não afastaram suas características centrais, quais sejam: perda momentânea da balança de poder e posterior reequilíbrio de poder (inexistência de uma única superpotência terrestre hegemônica na Europa) e as guerras de jogo de soma zero (uns ganham e outros perdem).

Observe, com atenção, que, durante a vigência do mundo europeu, os Estados Unidos estavam vivenciando a tese do isolacionismo geopolítico, também conhecida como Estratégia do America First e que hoje em dia está sendo reeditada pela Doutrina Trump. Portanto, é importante compreender, desde logo, que a iniciativa estratégica do “América em Primeiro Lugar” não é nova e foi largamente usada em diferentes épocas da vida nacional estadunidense, mormente, no período entre guerras,

¹⁰ “Were there any systemic limits to absolutist geopolitical expansion? Can we identify any generally acknowledged principles of geopolitical order in the early modern period? These questions may be answered by setting them within the context of the rival conceptions of geopolitical order: empire and the balance of power”. (TESCHKE, 2003, p. 233)

¹¹ De fato, é inquestionável essa realidade geopolítica vinculante do sistema europeu, calcada na quebra de equilíbrio de poder a partir de iniciativa de uma potência terrestre com aspirações de domínio hegemônico na Europa e sua posterior derrota, que, por sua vez, possibilita a retomada da balança de poder, perfazendo o ciclo crise-reequilíbrio do sistema europeu de poder. Nesse sentido, observe, com atenção, que a ordem mundial eurocêntrica começa com o equilíbrio de poder gestado pela Paz de Westfália de 1648, mas, perde sua estabilidade durante as Guerras Napoleônicas com as pretensões hegemônicas da França de Napoleão e cuja derrota permitiu o Concerto Europeu obtido no Congresso de Viena de 1815; depois, o sistema europeu entra novamente em crise com o projeto expansionista da Alemanha reunificada do Kaiser Guilherme II gerando a Primeira Guerra Mundial e cujo reequilíbrio será obtido com o Tratado de Versalhes de 1919 e, finalmente, uma nova quebra da balança de poder com a Guerra-Relâmpago (Blitzkrieg) de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial, cuja derrota já não mais simbolizou um novo equilíbrio, mas, sim, o colapso do mundo europeu e a consequente ascensão geopolítica dos EUA.

durante a vigência da ordem mundial eurocêntrica¹².

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o sistema eurocêntrico deixa de ser geopoliticamente relevante, sendo, então, substituído pela Guerra Fria. É nesse contexto pós-1945 de bipolaridade geopolítica que as grandes estratégias dos Estados Unidos passam a reger as relações internacionais do mundo ocidental.

Ou seja, é nesse momento histórico que a hegemonia norte-americana deixa de ser implícita e, passa, efetivamente, a disputar espaços geopolíticos com a União Soviética, dentro de uma dinâmica de confrontação ideológica desenvolvida sob os influxos do condomínio imperial sobre o mundo (ALVES PEREIRA, 2007, p. 22).

Diante de tal confrontação, desponta, por conseguinte, a Geoestratégia da Contenção (U.S. National Security Strategy of Containment), um constructo estratégico cuja finalidade era conter o avanço soviético em escala planetária.

Nos seus primórdios, mais precisamente, a partir das Conferências de Yalta e Potsdam de 1945¹³, os construtores da estratégia norte-americana estavam divididos com relação à postura geopolítica da União Soviética¹⁴.

A denúncia de Kennan mostrou que não era o poderio militar russo que ameaçava os EUA, mas, sim, sua estratégia de expansão de poder político, daí a ideia-força da contenção, qual seja: evitar o enfrentamento militar direto e fazer a contenção política de forma indireta. Nesse sentido, Noam Chomsky, analisando obra clássica de John Lewis Gaddis (GADDIS,

¹² Defendida com ardor por considerável parcela da comunidade estratégica daquela época, o "America First" foi a tese responsável pelo esplêndido progresso norte-americano entre 1919 e 1941, ocasião em que o País entra na Segunda Guerra Mundial, em consequência do ataque da Marinha imperial japonesa a Pearl Harbour. Certamente essa temática será retomada por ocasião da análise da atual Doutrina Trump, por ora basta destacar que o conceito de "America First" foi o modelo usado pelos Estados Unidos durante a vigência da ordem mundial eurocêntrica.

¹³ As conferências de Yalta e Potsdam foram realizadas no fim da Segunda Guerra Mundial sob a direção da cúpula dos vencedores da Guerra, sendo composta por Winston Churchill, Josef Stálin e Franklin Roosevelt (depois Harry Truman). Tais conferências fizeram a divisão geopolítica do mundo. Pela Conferência de Yalta, na cidade da Criméia, a área de influência da URSS foi limitada ao Leste europeu, enquanto que, na Conferência de Potsdam, ocorreu a divisão da Alemanha (Berlim foi dividida em quatro zonas de influência: britânica, norte-americana, francesa e soviética). Ainda em Potsdam, a Coreia foi repartida entre os EUA e a URSS, ficando a Coreia do Sul sob controle norte-americano e a Coreia do Norte sob a influência soviética.

¹⁴ Foi nesse ambiente de dúvidas que se notabilizou a visão prospectiva de George Frost Kennan, primeiro estrategista a perceber que a URSS não era simplesmente um aliado difícil nas negociações do segundo pós-Guerra, mas, ao contrário, era, inquestionavelmente, o principal opositor geopolítico dos Estados Unidos no contexto mundial que surgia.

1986), destaca a concordância deste autor com a percepção de Kennan na primazia conferida ao poder político russo:

Ele também concordou com a visão sistemática de George Kennan – um padrão entre os articuladores políticos e os analistas – de que “não é o poderio militar russo que nos ameaça, mas sim o poder político russo” (outubro de 1947). Apesar desses lampejos de discernimento, Gaddis não se afastou do arcabouço convencional da “dissuasão” e do “refreamento da ameaça soviética”, embora reconhecesse - à guisa de acréscimo - que essa não era, em absoluto, a totalidade da história, nem tampouco a rigor, o tema central. (CHOMSKY, 2003, p. 39).

Começava assim a Guerra Fria, tendo-se, de um lado, a expansão mackinderiana da URSS e, do outro, a contenção spykmaniana dos EUA.

De fato, a Estratégia soviética, com base na Teoria do Poder Terrestre de Mackinder, apostava na progressiva conquista da Ilha-Mundo como meio de controlar o planeta, ou seja, partindo do heartland mackinderiano, a URSS deveria expandir suas fronteiras ao longo das massas continentais eurafricanas e eurasiáticas, conquistando, por conseguinte, os três continentes que formam a Ilha Mundial (Europa, África e Ásia), dominando assim o mundo. Por outro lado, a Geoestratégia da Contenção (Kennan’s Containment Strategy), com base na Teoria das Fímbrias de Nicholas John Spykman, apostava no controle do rimland, como base fundante do isolamento da União Soviética no coração da Terra.

Eis aqui muito bem caracterizado o paradigma mackinderiano-spykmaniano, que vigorou durante toda a Guerra Fria.

Para dar concretude à Teoria das Fímbrias de Spykman, o gênio pragmático do estrategista norte-americano fez uso de um velho e conhecido axioma de sua política externa, qual seja, articular alianças internacionais em benefício próprio.

Observe, com a ajuda da figura abaixo (MAFRA, 2006, p. 54), o sistema de alianças multinacionais criado para isolar o Império Soviético no núcleo duro do Heartland, cujo fundamento derivou do constructo teórico formulado por Spykman.

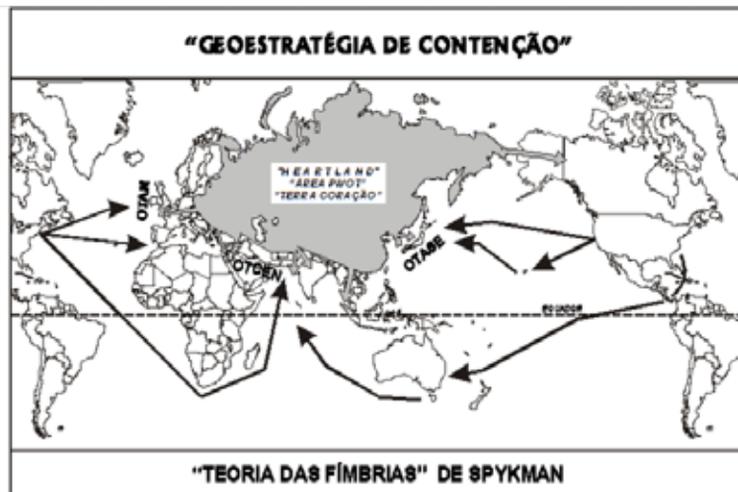


Fig. 12

Fonte: (MAFRA, 2006, p. 54).

E assim é que, para ocupar as Fímbrias da Ilha Mundial, mantendo o isolamento soviético no Coração da Terra, a Geoestratégia da Contenção engendrou a seguinte sequência de alianças multilaterais:

- a) para defender a Europa Ocidental, formou a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹⁵;
- b) para proteger as regiões do Oriente Médio e da Ásia Central, criou a Organização do Tratado do Centro (OTCEN)¹⁶;
- c) para neutralizar a projeção comunista sobre o continente asiático, constituiu a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE)¹⁷.

Foi, portanto, com base nessa teoria geopolítica, que o mundo ocidental, após a ocupação do “Heartland” pela URSS, tratou de apoderar-se das Fímbrias ou Rimland, para impedir a expansão comunista pelo restante do mundo (MAFRA, 2006, p. 53-55).

Enfim, com sofisticada cultura estratégica e elevada capacidade de articulação internacional, os Estados Unidos, fazendo

¹⁵ Sigla em inglês: NATO - *North Atlantic Treaty Organization*.

¹⁶ Sigla em inglês: CENTO - *Central Treaty Organization*.

¹⁷ Sigla em inglês: SATO - *South-East Asian Treaty Organization*.

uso do paradigma mackinderiano-spymaniano, venceram a Guerra Fria, desconstruindo o poderio econômico soviético e inaugurando uma nova era da geopolítica mundial.

Tal era foi imediatamente festejada pela célebre tese do Fim da História (FUKUYAMA, 1998) que a vislumbrava como o ponto final da evolução ideológica da Humanidade e a universalização da democracia liberal ocidental como a forma final de governo humano.

No entanto, Samuel Huntington não tardou a contestar essa ideia de um só mundo de euforia, harmonia e fim dos conflitos significativos na política global, dentro de uma perspectiva idealista kantiana de cooperação internacional harmônica pela própria natureza, destacando que:

No mundo pós-Guerra Fria, pela primeira vez na História, a política mundial se tornou multipolar e multicivilizacional. No final da década de 80, o mundo comunista desmoronou e o sistema internacional da Guerra Fria virou história passada. No mundo pós-Guerra Fria, as distinções mais importantes entre os povos não são ideológicas, políticas ou econômicas. Elas são culturais. (...) A rivalidade das superpotências é substituída pelo choque de civilizações. A política mundial está sendo reconfigurada seguindo linhas culturais e civilizacionais. (HUNTINGTON, 1998, p. 19-21)

De certa maneira, essa visão de Huntington não deixa de transitar na senda teórica realista das relações internacionais, notadamente quando o autor destaca expressamente que “esse quadro realista do mundo é um ponto de partida muito útil para se analisar as relações internacionais e explicar grande parte do comportamento dos Estados. Os Estados são e continuarão sendo as entidades predominantes nos assuntos mundiais”. (HUNTINGTON, 1998, p. 35).

Diante de tal quadro de alta complexidade, incerteza e instabilidade, que não se coaduna, nem com um **só mundo fukuyamaniano e nem com os dois mundos do condomínio geopolítico universal**, o estrategista americano, com o raciocínio pragmático que lhe é peculiar¹⁸, logo

¹⁸ O pensamento estratégico é, inevitavelmente, muito pragmático. Ele depende das realidades da geografia, da sociedade, da economia e da política (...) A história do pensamento estratégico não é a da razão pura, mas a do raciocínio aplicado. (PARET, 2001, p. 18)

percebeu a inadequabilidade do paradigma mackinderiano-spykmaniano para continuar regendo o cenário que surgia com o fim da Guerra Fria, em 1989, o que evidentemente o levou a engendrar um novo arquétipo estratégico, agora focado no projeto epistemológico neoliberal de abertura mundial do comércio e redução jurídica do Estado.

A DOCTRINA CLINTON (*NATIONAL SECURITY STRATEGY OF ENGAGEMENT AND ENLARGEMENT*) E A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA

Em termos acadêmicos, o fim da Guerra Fria marca o nascimento de uma nova **ordem mundial**, agora dita **pós-moderna**, que entra em vigor com o colapso do Império Soviético e perdura até os dias de hoje¹⁹.

Decerto que até o presente momento o próprio conceito de pós-modernidade é ainda muito controvertido no âmbito da doutrina. A proposta de estudo sobre a pós-modernidade tende a examinar valores consagrados pelo estado da arte em diferentes campos do conhecimento humano. O termo é de uso corrente e, muitas vezes, traz mais confusão do que esclarecimento. Tudo isso evidentemente revela que tal conceito, muito embora seja um tema forte e contemporâneo no pensamento acadêmico, ainda carece de maior desenvolvimento científico no que tange aos seus fundamentos axiológicos, filosóficos, jurídicos e geopolíticos.

É nesse sentido, pois, que a ideia de pós-modernidade apresenta alto grau de inconsistência epistemológica, uma vez que diferentes constructos teóricos disputam a primazia acerca da matéria²⁰.

¹⁹ Nesse sentido, não se desconhece a controvérsia que existe em torno da ideia de uma pós-modernidade no campo da geopolítica. Sem embargo da relevância dessa temática, cumpre alertar o leitor que tal matéria refoge ao escopo do presente trabalho, razão pela qual se optou por uma análise mínima, que permita trilhar um caminho científico capaz de descrever essa possível ordem mundial pós-moderna, aqui vislumbrada como a ordem mundial que surge com o fim da Guerra Fria.

²⁰ Daí toda uma plêiade de elementos fractais dispostos a representá-lo, dentre outros: a desconfiança do discurso das metanarrativas da modernidade e suas pretensões de atemporalidade e universalidade (LYOTARD, 2004), na qual a condição pós-moderna traz ínsita a incredulidade da ciência como sendo a única fonte definitiva da verdade a partir do desenvolvimento da inteligência artificial; a lógica cultural do capitalismo tardio (JAMESON, 2002), cuja dinâmica é incapaz de promover a transformação social, notadamente nos países de industrialização tardia; a crítica da teoria do agir comunicativo (HABERMAS, 2003), que rejeita a postura neomarxista, preocupada que estava com o combate aos ideais iluministas, substituindo-a pela concepção procedimentalista de democracia deliberativa; a construção teórica da hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004), que não deixa de representar uma visão anti-khuniã de que não houve quebra do paradigma da modernidade, mas, apenas uma

Nesse sentido, no campo da geopolítica, a ideia de uma ordem mundial pós-moderna também é muito controversa, no entanto, há que se reconhecer que o mundo pós-1989 traz insito elevado grau de instabilidade e complexidade, simbolizando transição paradigmática referente à estrutura do poder mundial até então existente.

É por isso que aqui se defende a visão de que a pós-modernidade geopolítica deve ser analisada menos como um fetiche acadêmico e mais como uma nova realidade irrefutável, que nasce do colapso de uma superpotência mundial, criando um novo arquétipo de relações de poder hegemônico, muito distinto de seus antecessores, quais sejam a ordem eurocêntrica e a ordem bipolar.

Com efeito, sob os influxos de uma possível pós-modernidade geopolítica, exsurge um plexo de antinomias pós-estruturalistas, que caminha na direção de uma **era do caos**, como mostra Ignacio Ramonet²¹, de uma **era de desregulamentação** e transações econômicas sem limites, como ensina Natalino Irti²², de uma **era do Estado-mercado**²³, como professa Philip Bobbitt ou, ainda, de uma era de geopoder, como preconiza

aproximação popperiana da realidade atual, na medida em que ainda reinam na sociedade contemporânea os valores da modernidade, como por exemplo, o individualismo, a explosão do consumismo, o liberalismo político, a metamorfose da ética, etc. e, finalmente, mas, não menos importante, a linhagem epistêmica do medo líquido (BAUMAN, 2008), que destaca o antagonismo entre a segurança e a liberdade, como valores axiológicos de per si, ou seja, mais segurança, pressupõe menor grau de liberdade, da mesma forma que, mais liberdade, pressupõe abrir mão de maior segurança.

²¹ Com efeito, Ignacio Ramonet põe a nu a ideia de civilização do caos dos novos senhores do mundo (conglomerados financeiros e industriais privados), do planeta saqueado (destruição sistêmica do meio ambiente), das metamorfoses do poder e suas formas negociadas, reticulares e horizontais (mídia, grupos de pressão e organizações não-governamentais), do choque das novas tecnologias (lado a lado com o choque de civilizações das guerras étnicas) e tudo isso fazendo exalar nessa sociedade ocidental pós-moderna um mau cheiro de remorso e algo parecido com um sentimento de náusea. (RAMONET, 1998, p 7-12).

²² Natalino Irti, jurista italiano de escol e professor da Università La Sapienza di Roma, mostra com sapiência que: "Por detrás de qualquer ordenamento jurídico existe sempre uma vítima do poder. (...) As transações econômicas ignoram os limites. Enquanto as tribos estão em guerra, entre outras coisas, na escuridão da noite, giram os mercados, que oferecem bens e os negociam, sentindo-se fora de qualquer pátria. Uma terra de ninguém é aquela que está entre as duas margens, entre as fronteiras de dois países, de dois espaços diferentes. A economia é (ou aspira ser) uma indefinida terra de ninguém. (IRTI, 2007, p. 1-4).

²³ Philip Bobbitt mostra que ao longo da história da humanidade, as relações internacionais sempre estiveram pautadas em dois grandes alicerces: a guerra e o comércio. Nesse sentido o eminente autor mostra que uma nova forma de Estado (o Estado-mercado) está emergindo desse relacionamento, mais ou menos do mesmo modo como surgiram as formas anteriores, desde o século XV: como consequência da guerra. (BOBBITT, 2003, p.1).

Gearóid Ó Tuathail²⁴.

Assim, o que não se pode negar, é que a ideia de pós-modernidade geopolítica traz no seu bojo um novo conceito de espaço vital (*lebensraum*), qual seja a conquista de mercados e mentes. Não se trata mais do clássico conceito de *lebensraum* atrelado à conquista de territórios, ao revés, o que importa, agora, é ganhar musculosidade geopolítica para conquistar novos mercados, que se abrem em escala planetária²⁵.

Portanto, independentemente da aceitação ou não do fim da Guerra Fria como marco inicial de uma ordem mundial pós-moderna, o fato é que a queda do muro de Berlim gerou grandes transformações no plano da geopolítica mundial, justificando dessarte a ideia de implantação de uma nova era, de um novo paradigma, cujas características podem ser sintetizadas da seguinte forma:

a) No campo da evolução social do Estado, representa a mitigação do Welfare State (Estado do Bem-Estar Social), operado dentro de um contexto de intervencionismo estatal, em prol de uma revitalização do Estado Liberal, realizada dentro de um contexto de abertura mundial do comércio;

b) No plano internacional, simboliza a transição de uma ordem bipolar de alta estabilidade estratégica para uma ordem mundial ainda em construção, mas, que é intensamente disputada por duas grandes perspectivas mutuamente exclusivas: de um lado, a manutenção do mundo americano, capitaneado pela pax hegemônica dos Estados Unidos, atuando como única superpotência militar e tecnológica do planeta e, do outro, o surgimento do mundo pós-americano, caracterizado pela consolidação de uma ordem mundial multipolar, com crescente equilíbrio de poder de potências globais e regionais, tais como a China, Índia e Rússia²⁶.

²⁴ Gearóid Ó Tuathail ensina - ao introduzir o conceito de geopoder - que geografia é sobre poder. Nesse sentido, mostra o autor que "muito embora frequentemente assumida como ingênua, a geografia do mundo não é um produto da natureza, mas um produto das histórias de luta entre autoridades competindo por poder para organizar, ocupar, e administrar espaço. (TUATHAIL, 1996, p. 61).

²⁵ Isto torna claro que há uma mutação disruptiva em relação à geopolítica clássica, tal qual vislumbrada por seus principais precursores, Friedrich Ratzel (1844-1904), fundador da Geografia Política durante o processo de unificação alemã e Rudolf Kjéllen (1864-1922), catedrático das Universidades de Gotemburgo e Upsala e autor do neologismo "Geopolítica", que vislumbrava o Estado como um organismo geográfico vivo e, na sua esteira, a visão de que o espaço vital (*lebensraum*) do Estado era a conquista de territórios.

²⁶ Gilberto Bercovici destaca que: "De sua base territorial e espacial originária, o *nomos* passa

Enfim, a falta de uma visão clara dessa ordem de considerações pode obscurecer o verdadeiro significado dos novos tempos de uma estatalidade pós-1989 (considerada pós-moderna ou não, na exata convicção do leitor), no interior da qual se descortina a globalização neodarwinista, patrocinada pela abertura mundial do comércio, desprestígio do Estado westfaliano, redução jurídica do Estado e busca pela competitividade internacional²⁷.

Toda essa análise feita até aqui serve para introduzir o estudo da conexão epistemológica entre a Estratégia do Engajamento e da Ampliação de Bill Clinton (U.S. National Security Strategy of Engagement and Enlargement) e o fenômeno da globalização neoliberal da economia, bem como da implantação do mundo americano.

Com efeito, no terreno concreto das ideias pragmáticas, como já dito, o estrategista estadunidense logo percebeu que o paradigma mackinderiano-spykmaniano já não tinha mais aptidão para moldar a mundialidade pós-Guerra Fria que surgia.

Isso fez com que se instaurasse nos EUA um novo arquétipo de segurança nacional, totalmente diferente do seu antecessor (contenção spykmaniana). Tal mudança de rumo provocou revitalizante revisão de princípios estratégicos, que integrados vão formar a NSS of Engagement and Enlargement, documento prolatado pelo ex-presidente Clinton, em fevereiro de 1996.

Com efeito, o gênio pragmático do estrategista norte-americano não demorou a sistematizar o modelo do Engagement and Enlargement a partir de um grandioso esquema multilateral de cooperação comercial, envolvendo seus dois grandes parceiros estratégicos da tríade hegemônica do sistema capitalista.

Com apurada sofisticação estratégica, os Estados Unidos criaram um mecanismo muito bem planejado, cujo desiderato era a interligação de

a ser conformado pelo domínio econômico, que não se dá em territórios e locais estáveis e determinados, mas nos espaços voláteis dos mercados. Os grandes espaços de nosso tempo são, para (IRTI, 2005), os espaços da livre economia, os mercados. A economia e a técnica exigem um novo espaço mundial, edificando um novo e diverso nomos da Terra, cuja formação ainda está marcada pelos conflitos entre o poder localizado dos territórios e o poder planetário da economia mundial". (BERCOVICI, 2007, p.66)

²⁷ Como bem destaca Luís Roberto Barroso: "Planeta Terra. Início do século XXI. Ainda sem contato com outros mundos habitados. Entre a luz e sombra, descortina-se a pós-modernidade. O rótulo genérico abriga a mistura de estilos, a descrença no poder absoluto da razão, o desprestígio do Estado. A era da velocidade. A imagem acima do conteúdo. (...) Vive-se a angústia do que não pôde ser e a perplexidade de um tempo sem verdades seguras. Uma época aparentemente pós-tudo: pós-marxista, pós-kelseniana, pós-freudiana". (BARROSO, 2003, p.2).

três grandes áreas de integração comercial, quais sejam:

- a) Área de Livre Comércio das Américas (ALCA)²⁸;
- b) Mercado Transatlântico (TM)²⁹;
- c) Cooperação Econômica da Ásia-Pacífico (APEC)³⁰.

Para apoiar estes três grandes mecanismos de integração multilateral, a habilidade do estrategista estadunidense concebeu a criação da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 1994, completando assim o arcabouço de estruturas hegemônicas de poder dos EUA, cujo início remonta à Conferência de Breton Woods, em 1944.

É a própria U. S. National Security Strategy of Engagement and Enlargement (UNITED STATES, 1996, s/p), que destaca esse arquétipo de dupla tridimensionalidade, a saber:

- a) uma primeira dimensão de indutores diretos (as três grandes zonas de livre comércio: ALCA, TM e APEC); e
- b) uma segunda dimensão de indutores indiretos (FMI, BIRD e OMC).

Enfim, com base nesta geometria duplamente tridimensional (ALCA-TM-APEC em combinação com FMI-BIRD-OMC), o império estadunidense encontraria o caminho ideal para o triunfo capitalista neoliberal de acordo com a condição pós-moderna da geopolítica global, qual seja: a conquista de mercados e mentes³¹.

Observe, com atenção, que os indutores da Estratégia norte-americana seriam os mesmos indutores do fenômeno da globalização da economia e da abertura mundial do comércio. Com isso, fácil é perceber que a NSS de Clinton almejava manter o controle da economia mundial

²⁸ *Free Trade Area of the Americas (FTAA)*.

²⁹ *Transatlantic Market (TM)*. Aliança dos EUA com a União Europeia

³⁰ *Asia-Pacific Economic Cooperation (APEC)*.

³¹ Nesse sentido, precisa a lição dos pensadores realistas quando ressaltam a ideia-força de que os Estados nacionais buscam a consecução dos seus objetivos estratégicos empregando organizações e regimes internacionais como fontes potenciais de alavancagem para governos ambiciosos; assim, devemos esperar, em um período de mudanças rápidas, vê-los usados como arenas; ou o exercício de influência. "Realist thinkers emphasize that states seek to attain purposes through the exercise of power. International organizations and regimes are potential sources of leverage for ambitious governments; thus we should expect, in a period of rapid change, to see them used as arenas; or the exercise of influence." (KEOHANE, NYE, HOFFMANN, 1994, p. 395).

a partir de um processo de globalização capitaneado pelo projeto epistemológico neoliberal.

Com a devida agudeza de espírito, o leitor haverá de concordar que o termo “globalização” pode e deve ser associado à “geopolítica global estadunidense”.

Portanto, em tempos de estatalidade pós-Guerra Fria, geopolítica e globalização mesclam-se de tal maneira que passam a formar um todo epistemológico, que desafia geopolíticos e estrategistas da era contemporânea. Nesse sentido, Parag Khanna destaca:

Meio século depois, um exemplar com capa de couro da primeira edição da narrativa de Toynbee foi meu guia mais seguro quando comecei a percorrer o mundo para investigar a interação entre duas forças históricas mundiais que ele percebeu intuitivamente, sem chegar a lhes dar nome: a geopolítica e a globalização. A Geopolítica é a relação entre poder e espaço. Globalização remete à ampliação e ao aprofundamento das ligações entre os povos do mundo por meio de todas as formas de troca. (KHANNA, 2008, p. 9 e 10).

Em consequência, é preciso compreender que o fenômeno da globalização da economia não é mero instrumento de regulação do comércio internacional, nem tampouco instrumento de promoção de cooperação internacional benigno pela própria natureza, mas, sim, um instrumento de disputa de poder global.

A DOCTRINA BUSH (*DEFENDING THE NATION AGAINST ITS ENEMIES*) E A NEUTRALIZAÇÃO AXIOLÓGICA DO DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO

Tendo como designação original a expressão *Defending The Nation Against its Enemies*, a estratégia de Bush recebe da teoria da pax americana os aportes necessários para uma confluência de iniciativas estratégicas focadas na proteção do território estadunidense contra ataques terroristas.

Nesse sentido, como bem salienta Michael Hirsh, George W. Bush, também dominado pelo sentimento de raiva e determinação que muitos americanos estavam sentindo, enviou para o mundo, pela primeira vez, em 20 de setembro de 2001, a seguinte mensagem: “Ou você está conosco ou está com os terroristas”. Ou você está com a civilização e com o bem

(nós), ou com o barbarismo e o mal (eles). Escolha. E para aquelas nações que escolherem erradamente, tenha cuidado. (HIRSH, 2002, s/p)³².

Aqui é importante compreender que a mensagem de Bush refletia drástico reposicionamento geopolítico dos EUA enquanto única superpotência remanescente da Guerra Fria. Não se tratava de um mero ato unilateral de um determinado Estado nacional sem maiores consequências no cenário mundial, mas, sim, de um ato volitivo de poder hegemônico, que desafiava a própria ordem jurídica internacional e seus organismos multilaterais³³.

De fato, o atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono, símbolos do poderio norte-americano, inaugurou um novo arquétipo de segurança nacional destinado ao combate da organização fundamentalista islâmica al-Qaeda, seja com o intuito de impedir-lhe liberdade de ação, aumentando a sensação de segurança no País, seja prevenindo um novo ataque ao solo estadunidense.

Eis aqui a raiz dessa mutação radicalizante da geopolítica dos EUA: pela primeira vez em sua história, o solo pátrio foi vilipendiado por ações estrangeiras.

É por isso que a luta contra o terrorismo, personificado na figura de Osama Bin Laden, ganhará contornos até então inimagináveis, chegando-se mesmo ao ponto de desconsiderar tratados e convenções internacionais, o que evidentemente levou os Estados Unidos a acelerar a invasão do Iraque em nome de uma paz que ainda não está garantida até os dias de hoje.

Doutrinadores de escol há que radicalizam sua posição discordante desse reposicionamento geopolítico dos EUA; Noam Chomsky, por exemplo, vê sinais de terrorismo de Estado nas ações externas norte-americanas:

Durante os últimos séculos, os Estados Unidos exterminaram as populações indígenas (milhões de pessoas), conquistaram metade do México (na verdade, territórios indígenas, mas isso é outra questão), intervieram com violência nas regiões vizinhas,

³² Bush's message to the world, first delivered on September 20, 2001, was this: "Either you are with us, or you are with the terrorists." Either you stand with civilization and good (us), or with barbarism and evil (them). Choose. And to those nations that choose wrongly, beware. (HIRSH, 2002, s/p).

³³ Não resta nenhuma dúvida de que este reposicionamento geopolítico dos EUA, feito pela Estratégia Defending the nation against its enemies de Bush, tem inspiração marcadamente antikantiana, uma vez que desconsidera a perspectiva da paz perpétua, (KANT, 1989) desqualificando a via da cooperação internacional e optando por um unilateralismo nocivo do tipo: "ou é meu amigo ou é meu inimigo".

conquistaram o Havaí e as Filipinas (matando centenas de milhares de filipinos) e, nos últimos cinquenta anos, particularmente, valeram-se da força para impor-se a boa parte do mundo. O número de vítimas é colossal. Pela primeira vez, as armas voltaram-se contra nós. Foi uma mudança dramática (...) devemos reconhecer que em grande parte do mundo os EUA são vistos como um Estado líder do terrorismo, e por uma boa razão. Podemos considerar, por exemplo, que em 1986 os EUA foram condenados pela Corte Mundial por uso ilegal da força (terrorismo internacional) e então vetou uma resolução do Conselho de Segurança da ONU que instava a todos os países (referindo-se aos Estados Unidos) a aderir às leis internacionais. Este é apenas um, entre inúmeros exemplos. (CHOMSKY, 2002, p. 12-25)

Sem concordar com essa forte exegese de Noam Chomsky no que tange ao enquadramento dos EUA como Estado líder do terrorismo internacional, é importante, no entanto, levar em consideração que a Doutrina Bush se apresentou como um elemento antikantiano de neutralização axiológica do Direito Internacional Público (DIP) e do próprio Direito da Guerra (Direito Internacional Humanitário). Nesse sentido, Giorgio Agamben mostra que:

O significado imediatamente biopolítico do estado de exceção como estrutura original em que o direito inclui em si o vivente por meio de sua própria suspensão aparece claramente na “military order”, promulgada pelo presidente dos Estados Unidos no dia 13 de novembro de 2001, e que autoriza a “indefinite detention” e o processo perante as “military commissions” (não confundir com os tribunais militares previstos pelo direito da guerra) dos não cidadãos suspeitos de envolvimento em atividades terroristas. (AGAMBEN, 2004, p. 14)

Nesse sentido, resta indubitável o descompromisso da NSS de Bush com o DIP e com o Direito da Guerra, que passa a adotar viés militarista e unipolarista, valendo, portanto, destacar, dentre outros, os seguintes elementos que informam esse reposicionamento geopolítico dos EUA: reedição do projeto “Guerra nas Estrelas”, escudo de defesa antimíssil, que tinha sido arquivado durante o governo Clinton; abandono da concepção estratégica da “Força em Redução” (Shrinking Force), na qual se previa a redução de aproximadamente 35% dos gastos militares para as próximas

décadas, tal qual estipulado na revisão estratégica bottom-up review de 1993 do então Secretário de Defesa Les Aspin; não adesão ao protocolo de Quioto, tratado complementar à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, definindo metas de redução de emissões para os países desenvolvidos; considerados os responsáveis históricos pela mudança atual do clima; não reconhecimento da aplicabilidade às forças militares estadunidenses das normas que regulam a atuação do Tribunal Penal Internacional (TPI); o abandono da Conferência sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial (acordo antirracista); e a denúncia do importante tratado Anti-Balistic Missile Treaty (ABM)³⁴ de redução das armas nucleares com a Rússia, denúncia esta necessária para a retomada da construção do Sistema de Defesa Estratégica Antimíssil (Reedição da Estratégia Guerra nas Estrelas).

De tudo se vê, por conseguinte, que modelo do ataque preventivo de Bush inverteu o sinal com relação ao modelo do Engajamento e da Ampliação, ou seja, enquanto a NSS de Clinton procurou manter a liderança global dos EUA a partir do controle da economia mundial (soft power), em detrimento do uso da força armada (hard power), a NSS de Bush fez o contrário³⁵.

Eis aqui a origem de toda a crítica feita à Estratégia do Engajamento e Ampliação de Clinton: a priorização da dimensão econômica (soft power) degradou a dimensão militar (hard power) de tal maneira que resultou no

³⁴ A estratégia de Bush não hesitou em retirar os EUA do Tratado ABM, que era um acordo com a ex-União Soviética, cujo desiderato era limitar o número de mísseis antibalísticos (ABM) usados para defender o território pátrio contra mísseis com carga nuclear. Tal acordo foi firmado, em 26 de maio de 1972, entre o presidente dos EUA, Richard Nixon e o Secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da ex-URSS, Leonid Brejnev. Fácil é perceber, pois, o caráter maquiavélico-hobbesiano da estratégia norte-americana pós-11 de setembro que buscava reeditar a Guerra nas Estrelas da época da Guerra Fria. Além de rejeitar o conceito estratégico da Força em Redução de Bill Clinton (redução dos gastos militares), o escudo antimíssil visava romper o equilíbrio entre as potências nucleares, na medida em que os EUA passariam a ficar imunes aos ataques disparados contra o seu território. Tal escudo antimíssil foi rejeitado pela Grande Estratégia do Engagement and Enlargement de Bill Clinton, cujo eixo estratégico era a abertura mundial de comércio, patrocinada a partir do projeto epistemológico liberal.

³⁵ Note-se que a NSS de Clinton ao prioriza o soft power (economia) em detrimento do hard power (uso militar), seguiu a senda teórica de Joseph Nye, quando preconizava que: o conceito básico de poder é a habilidade de influenciar os outros a fazer o que você quer que eles façam. Existem três maneiras de fazê-lo: a primeira é ameaçá-los com varas; a segunda é suborná-los com cenouras; a terceira é atraí-los ou cooptá-los, de modo que eles queiram o que você quer que queiram. Se você é capaz de seduzi-los de modo que façam o que você quer, isso significará menor dispêndio com cenouras ou varas. (NYE, 2004, p. 10-11).

ataque às Torres Gêmeas, preço altíssimo que a sociedade americana teve que pagar pela escolha equivocada de sua própria Estratégia de Segurança Nacional.

De tudo se vê, por conseguinte, que a Doutrina Bush mitigou de certa maneira o controle dos EUA sobre a economia mundial, preocupada que estava com a cruzada política da Guerra ao Terrorismo. Com a devida agudeza de espírito, é importante compreender que a NSS de Bush não manteve o mesmo entusiasmo com relação à Constelação Mundial do Comércio da Estratégia de Clinton (ALCA, Mercado Transatlântico e APEC/FMI, BIRD e OMC), permitindo dessarte a paulatina penetração chinesa na África, na América Latina e parte da Ásia³⁶.

Nesse sentido, os EUA não consideraram o alerta de Henry Kissinger que já preconizava, desde a década de 70 que “a política internacional norte-americana deve encontrar seu cerne no poder e no interesse nacional, mais do que em princípios moralistas abstratos ou em cruzadas políticas” (KISSINGER, 1977, p. 26).

Partindo da natureza híbrida da guerra de quarta dimensão, bem como impregnado pela imagem de uma agressão direta aos símbolos do seu poderio mundial, o estrategista norte-americano optou pela “cruzada político-militar”, esquecendo um pouco da sua capacidade de comandar a globalização neoliberal através da abertura mundial do comércio, ações que eram muito bem esgrimidas pela Estratégia do Engajamento e da Ampliação de Clinton³⁷.

Nesse sentido, pode-se inferir que, por mais paradoxal que possa parecer, foi o descompromisso da NSS de Georg W. Bush com a economia

³⁶ Nesse sentido, precisa a visão de Thomas Friedman quando destaca: Assim, as forças do “como globalizar” se dispersaram, e à medida que cresce o número de pessoas do Terceiro Mundo que se beneficiavam da globalização, e à medida que no governo Bush os Estados Unidos começaram a exercer maior poder militar unilateral, o elemento antiamericano no movimento antiglobalização passou a ter voz e papel muito mais importantes. Em consequência, o próprio movimento ficou ao mesmo tempo mais antiamericano e mais incapaz e menos disposto a desempenhar qualquer papel construtivo na formação do debate global sobre a forma da globalização (FRIEDMAN, 2007, p. 348).

³⁷ Em outras palavras, o abandono da Constelação Mundial do Comércio da Estratégia de Clinton mudou drasticamente a geopolítica mundial até então vigente, na medida em que se afastou do empoderamento econômico norte-americano a partir dos mecanismos indutores de cooperação multilateral duplamente tridimensional (triáde ALCA, TM e APEC combinada com a triáde FMI, BIRD e OMC), surgindo em seu lugar a geometria unilateral militarista da Estratégia de George W. Bush. Opera-se aqui corte dicotômico que substitui a era do mercado-centrismo de um mundo predominantemente econômico-comercial (arquetipo estratégico de Clinton) pela era do ataque preventivo de um mundo essencialmente ideológico-militarista (paradigma estratégico de Bush).

mundial que viabilizou a ascensão geopolítica da China³⁸. Da mesma forma, Luciana Mascarenhas da Costa Marroni destaca, com precisão:

Uma das principais mudanças empreendidas pelo governo [chinês] foi a política de redução gradual da interferência estatal nos empreendimentos, em benefício da economia de mercado. Em meados da década de 80, foram criadas quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEE) ao longo da costa sudeste, com o propósito de atrair investimentos estrangeiros, estimular as exportações e possibilitar a importação de produtos de alta tecnologia. (...) A proliferação de indústrias estrangeiras, bem como privadas e públicas, estendeu-se para o interior do país, dinamizando a economia e afastando cada vez mais o controle do Estado (MARRONI, 2008, p. 204-205)

Enfim, de toda essa análise feita, é lícito inferir que a larga margem de discricionariedade estratégica que os EUA tinham para controlar o processo de globalização neoliberal foi, de certo modo, reduzida pelo aspecto militarista da NSS de Bush. Com base na forte crítica ao modelo do Engajamento e da Ampliação de Clinton, chegando mesmo a acusá-lo de ser o responsável pelos ataques terroristas de 11 de setembro, a Estratégia de Bush criou as condições de possibilidade para a ascensão geopolítica da China e de outras potências dos BRICS, notadamente Rússia e Índia, que passaram a ganhar musculatura geopolítica para enfrentar, de modo autóctone, os desafios de uma globalização neodarwinista.

A DOCTRINA OBAMA (*STRATEGY OF NATIONAL RENEWAL AND GLOBAL LEADERSHIP*) E A TRANSIÇÃO PARA A ORDEM MUNDIAL MULTIPOLAR

Esta segmentação temática tem por objetivo investigar a crise de

³⁸ Nesse sentido, Acemoglu Daron destaca que os fatores geográficos são inúteis para explicar não só as diferenças que vemos entre as diversas partes do mundo hoje, mas também por que muitas nações, como Japão ou China, atravessam longos períodos de estagnação para depois encetar um processo de crescimento acelerado. (..) Da mesma forma, o atual crescimento chinês nada tem a ver com os valores ou mudanças na cultura local; é fruto de um processo de transformação econômica deflagrado pelas reformas implementadas por Deng Xiaoping e seus aliados – que, após a morte de Mao Tsé-Tung, foram pouco a pouco abandonando as instituições e políticas econômicas socialistas, primeiro na agricultura, depois na indústria. A China, por exemplo, é um dos países que substituíram as políticas econômicas conducentes à pobreza e à fome de milhões por outras de estímulo ao crescimento econômico. (DARON, 2012)

2008 e seus impactos na NSS de Barak Obama, denominada *Strategy of National Renewal and Global Leadership*, segundo a qual os EUA deveriam revitalizar a economia do País como núcleo fundante do seu poderio global, retomando as grandes iniciativas de cooperação multilateral com seus tradicionais parceiros (União Europeia e Japão), esquecidas que foram pelo Governo de Georg W. Bush.

Destacando a retomada da força econômica do discurso de Barack Obama, Josh Rogin, editor da Coluna *The Cable*, da Revista *Foreign Policy*, escreveu:

Ao revelar sua primeira Estratégia de Segurança Nacional, o presidente Barack Obama destacou a necessidade de “uma estratégia de renovação nacional e liderança global”, enfatizando a força econômica dos EUA como base do poder americano e prometendo aprofundar alianças e parcerias dos EUA com o mundo todo. (...) Para chegar lá, devemos buscar uma estratégia de renovação nacional e liderança global - uma estratégia que reconstrua a base da força e influência americanas. (ROGIN, FOREIGN POLICY, 2010, s/p)³⁹.

Com efeito, a crise financeira de 2008 foi o eixo propulsor de uma verdadeira revolução copernicana no campo da geopolítica mundial, na medida em que trouxe com ela a real possibilidade de desconstrução do mundo americano e sua possível substituição por um mundo multipolar ou pelo menos por um mundo sem predominância cêntrica dos Estados Unidos e seus tradicionais mecanismos de hegemonia mundial.

É o próprio nome estratégico da Doutrina Obama que entremostra seu objetivo de reconstruir a nação estadunidense a partir de sua liderança global (*Strategy of National Renewal and Global Leadership*).

De fato, a NSS de Obama vivenciou um tempo marcado pelo esforço de não perder a liderança global da pax americana em favor de uma ordem mundial multipolar, evitando, portanto, o surgimento de um novo polo de poder mundial, dotado de ambições geopolíticas autóctones, factíveis e com capacidade de resistência aos interesses vitais dos EUA.

³⁹ “In unveiling his first formal National Security Strategy, U.S. President Barack Obama called for “a strategy of national renewal and global leadership,” emphasizing U.S. economic strength as the foundation of American power and promising to deepen U.S. alliances and partnerships around the world. (...) To get there we must pursue a strategy of national renewal and global leadership — a strategy that rebuilds the foundation of American strength and influence”. (ROGIN, FOREIGN POLICY, 2010)

Desse modo, Gearóid Ó Tuathail salienta que:

Uma potência hegemônica como os Estados Unidos é, por definição, um “ditador de regras” para a comunidade mundial. Aqueles que ocupam posições de poder dentro dos Estados Unidos “tornam-se os decanos da política mundial, os administradores, reguladores e geógrafos de assuntos internacionais”. (TUATHAIL, 1986, p. 61⁴⁰).

É nesse diapasão que a elite americana se sente responsável pela administração do mundo; sente-se na obrigação de comandar os destinos da humanidade, daí o desejo de elaborar normas reguladoras dos negócios internacionais, valendo destacar nesse sentido a visão de Zbigniew Brzezinski, um dos principais estrategistas e conselheiros de segurança nacional do governo americano, desde a Administração de Jimmy Carter na década 70 até 2017, ano da data de seu falecimento.

Na visão prospectiva de Brzezinski, o antiamericanismo que o governo Bush fez prosperar em escala planetária não deveria impedir que a América tivesse uma segunda chance de liderar o mundo, dentro de uma perspectiva de pax americana, simplesmente, porque:

A América tem o monopólio do poder militar global, uma economia incomparável (segundo para ninguém) e uma inovação tecnológica inigualável, o que lhe confere uma influência política mundial única. Além disso, há um reconhecimento generalizado, ainda que não dito, de que o sistema internacional precisa de um estabilizador efetivo, e que a alternativa mais provável a curto prazo para o mundo americano é o caos. (BRZEZINSKI, 2007, p. 192⁴¹).

⁴⁰ “A hegemonic power like the United States is by definition a “rule writer” for the world community. Those occupying positions of power within the United States “become the deans of world politics, the administrators, regulators and geographers of international affairs”. TUATHAIL (1986, p. 61)

⁴¹ “America has a monopoly on global military reach, an economy second to none, and peerless technological innovation, all of which give it unique worldwide political clout. Moreover, there is a widespread, if unspoken, practical recognition that the international system needs an effective stabilizer, and that the most likely short-term alternative to a constructive American world role is chaos”. (BRZEZINSKI, 2007, p. 192).

Em consequência, o leitor haverá de concordar que a nota mais significativa do pensamento brzezinskiano é a percepção de que o elemento definidor das relações internacionais é o geopoder estadunidense, um verdadeiro leviatã universal e único capaz de garantir a estabilidade e a segurança do sistema internacional.

Nesse último sentido, a inovação tecnológica no campo militar dos EUA é extraordinária e avança cada vez mais, como bem destaca SCHAWARTZ (2003, p. 68):

A capacidade tecnológica militar dos Estados Unidos está predestinada não apenas a avançar, mas a se acelerar. Isso é particularmente verdadeiro quando acrescentamos outro fator: a Iniciativa de Defesa Estratégica. Chamada popularmente de “Guerra nas Estrelas” nos anos 80, esse esforço é anunciado publicamente como um sistema de defesa antimísseis. (...) Contudo, a defesa contra mísseis balísticos de longo alcance não é a finalidade principal do projeto Guerra nas Estrelas. Há toda uma nova doutrina confidencial de guerra orbital que o público ainda não compreende bem, mas que já começa se delinear. O objetivo de curto prazo é a proteção dos satélites. (...) E qual seria o objetivo de longo prazo? A chamada pax americana. A Guerra nas Estrelas faz sentido como um plano de colocar armas no espaço para serem lançadas em direção ao solo. E este, na verdade, é seu objetivo não declarado: total domínio militar americano sobre o planeta, para sempre.

Em síntese, as visões de Brzezinski e Schawartz irão se encontrar na tese de que a sociedade internacional só tem duas opções: o mundo americano ou o caos hobbesiano, isto é, a sociedade internacional precisa da força estabilizadora do hegemom estadunidense para superar a dimensão anômica da ordem internacional.

O apotegma é simples: Ou o mundo aceita a hegemonia da pax americana ou viverá em permanente estado de desordem mundial.

Sem embargo dessas importantes considerações, o fato é que esta visão de um mundo americano já não mais se coaduna com a realidade geopolítica pós-crise de 2008, cuja deflagração foi a falência do Banco de Investimentos Lehman Brothers.

Foi nesse contexto adverso da crise de 2008 que surgiu um novo quadro de distribuição do poder mundial, no qual vicejaram mecanismos

de contra-hegemonia, colocados agora em complementação ou até mesmo em contraposição às tradicionais estruturas de poder hegemônico do mundo americano, tais como:

a) a atuação firme do G20 Comercial que paralisou a Rodada de Doha de 2001 na OMC, impedindo a decisão relativa à redução de tarifas dos produtos industrializados, proteção de patentes e compras governamentais, sem a devida liberalização dos produtos agrícolas⁴²;

b) o surgimento do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB - New Development Bank) e do Arranjo Contingente de Reservas (CRA - Contingent Reserve Arrangement) dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que se colocam lado com as estruturas hegemônicas bretton-woodianas (FMI e BIRD);

c) no mesmo diapasão, a criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB - Asian Infrastructure Investment Bank), instituição financeira de iniciativa da China com alcance global e cuja proposta é promover o investimento em infraestrutura e em setores produtivos nas regiões da Ásia e Oceania e, em especial, em países menos desenvolvidos;

d) a incapacidade do G-7 (Grupo dos Sete Países mais ricos do mundo) no sentido de debelar os efeitos nocivos da crise de 2008, sendo, pois, necessário abrir o diálogo com o G-20 Financeiro (Grupo dos Vinte Países mais ricos do mundo). Observe aqui, com a devida agudeza de espírito, que a formulação das políticas mundiais deixou de ser feita, exclusivamente, pelo tradicional G-7, passando agora também a ser feita pelo G-20 financeiro. É nesse sentido que surge a ideia do G-ZERO WORLD, tal qual vislumbrada por (BREMNER, ROUBINI, Foreign Affairs, 2011). Tal conceito parte de uma realidade geopolítica disruptiva, na qual a velha

⁴² Tal temática só mais recentemente vem despertando o interesse do estrategista brasileiro e que é a atuação firme do Brasil na liderança do G20 Comercial dentro da OMC. Com efeito, na atual pauta dessa Organização Internacional, como já dito antes, encontram-se apenas os produtos industrializados, as patentes e as compras governamentais, ou seja, tudo aquilo que interessa aos países do centro da geopolítica mundial. Fora dessa pauta, as commodities. Em consequência, fácil é perceber que há algo errado na Rodada de Doha de 2001, uma vez que, estrategicamente falando, a questão que se impõe é saber o motivo pelo qual as nações de capitalismo tardio devem reduzir suas barreiras aos produtos industrializados, ao mesmo tempo em que as nações mais ricas podem manter seu protecionismo agrícola.

ordem (The Old Boys' Club) representada pelo G-7 já não vale mais nada, enquanto que o G-20 e seus atores emergentes, tais como China, Índia, Brasil e Rússia, representam um bloco amplo demais para ser eficaz na criação de políticas uníssonas em escala planetária, daí a ideia-força de G-Zero;

e) o grandioso projeto chinês One Belt, One Road (OBOR), cuja latitude geopolítica faz reeditar, com tintas da pós-modernidade, a Teoria de Mackinder, uma vez que projeta a expansão da China em direção à conquista das massas eurafricanas e eurasiáticas da Ilha Mundial⁴³; e

f) a criação de fundos soberanos, também denominados fundos de riqueza soberana (SWF - Sovereign Wealth Fund), que são mecanismos de aplicações financeiras controlados pelo Estado, que agora podem especular no mercado financeiro internacional, como se investidores privados fossem⁴⁴.

De todas essas análises complexas que surgem a partir de um mosaico cientificamente multinucleado, o que importa destacar é a visão de que o mundo pós-crise financeira cria um novo quadro de distribuição de poder mundial, no qual os EUA se enfraquecem na tarefa de controlar diretamente o processo de globalização da economia e da mundialização financeira.

Dito de outra forma, o mundo pós-2008 já não é mais orientado tão somente pelos indutores de hegemonia global dos EUA, vale dizer: ao lado do G-7, surge o G-20 Financeiro; na OMC, destaca-se a atuação do G-20 Comercial; ao lado do FMI e do BIRD, aparecem o Banco Asiático e o Banco dos BRICS, e, finalmente, ao lado dos grandes detentores privados de capital especulativo, descortina-se a atuação dos Fundos Soberanos de Estados nacionais situados fora da tríade capitalista, e.g., o Fundo Soberano da China.

É bem de ver, portanto, que é nesse cenário desfavorável que a Strategy of National Renewal and Global Leadership de Obama se

⁴³ Com efeito, note-se que o Cinturão Econômico da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI simbolizam a criação de um espaço geopolítico centrado na China, no qual projetos de infraestrutura e investimentos serão feitos nos países da Europa, Ásia e África, formadores da Ilha mackinderiana.

⁴⁴ Normalmente tais fundos de riqueza soberana resultam do uso de parte das suas reservas internacionais, provenientes de saldos no seu balanço de pagamentos, como, por exemplo, da venda de petróleo. Observe, com atenção, que tais fundos soberanos representam também estruturas anti-hegemônicas, que desestabilizam o processo de globalização financeira controlado pela tríade capitalista.

apresenta como instrumento de contenção de uma inexorável expansão da China em escala planetária. Nesse diapasão, precisa a lição de Henry Kissinger:

O argumento de que China e Estados Unidos estão fadados a colidir pressupõe que ambos tratam um ao outro como um bloco competitivo na margem oposta do Pacífico. Mas isso é a estrada para o desastre dos dois lados. Um aspecto da tensão estratégica na atual situação mundial reside no medo chinês de que a América esteja procurando conter a China - paralelamente à preocupação americana de que a China esteja buscando expulsar os Estados Unidos da Ásia. (Kissinger, 2011, p. 506).

Eis aqui o grande paradoxo da ordem mundial pós-crise de 2008: uma viravolta no mundo americano, fruto de uma globalização liberal, que lhe escapa ou pelo menos se afasta gradualmente do seu controle direto e imediato.

É por isso que se pode afirmar que a NSS de Obama é a reedição da vertente spykmaniana da antiga Estratégia da Contenção de Kennan, da mesma forma que a Iniciativa da Faixa e da Rota da China é a reedição da vertente mackinderiana da antiga Estratégia soviética de conquista da Ilha Mundial.

Com tal tipo de inteligência em mente, fica mais fácil compreender o pensamento pragmático do estrategista norte-americano: reeditar o **paradigma mackinderiano-spykmaniano**, agora com tintas da pós-modernidade, concebendo os grandiosos esquemas de alianças transoceânicas com seus tradicionais parceiros da tríade do capitalismo democrático, quais sejam:

a) Aliança Transatlântica com a Europa (Transatlantic Trade and Investment Partnership);

b) Aliança Transpácífica com o Japão (Trans-Pacific Partnership).

A figura abaixo mostra a geometria spykmaniana da NSS de Obama (Aliança Transatlântica e Aliança Transpácífica) em confrontação à geometria mackinderiana da Iniciativa do Cinturão e da Rota da estratégia da China.

OBAMA'S ARCHITECTURE OF THE TRIAD THEORY



Fonte: Slides apresentado pelo autor em conferência proferida para o Curso Internacional de Estudos Estratégicos da ECEME em oito de setembro de 2015.

Em apertada síntese, foi nesse contexto de alta complexidade que o estrategista estadunidense repensou seu modelo de segurança nacional, tentando capacitá-lo a manter a estrutura hegemônica de pax americana, tentando evitar dessarte a projeção chinesa nos três continentes da ilha mundial mackinderiana (Ásia, Europa e África).

Resta saber se a retomada desse paradigma mackinderiano-spymaniano conseguirá obter o mesmo sucesso da época da Guerra Fria? Essa é a temática que se pretende desenvolver em seguida.

A DOCTRINA TRUMP (AN AMERICA FIRST NATIONAL SECURITY STRATEGY) E A NEGAÇÃO DE TODOS OS MODELOS PÓS-1945 QUE LHE SÃO ANTERIORES

A implantação do arquétipo “América em primeiro lugar” não significa que agora os EUA passarão a pensar nos seus interesses vitais em primeiro lugar.

Ora que não se olvide que, desde o fim da mundialidade eurocêntrica, os EUA sempre controlaram a cena internacional pensando nos seus interesses vitais em primeiro lugar. Portanto, sem ingenuidade estratégica e sem zotismo acadêmico, é preciso compreender que todas as grandes estratégias anteriores à implantação do “América em primeiro lugar” sempre colocaram os EUA em primeiro lugar.

Nesse sentido, o estudo sistemático até aqui realizado já demonstrou a dimensão hegemônica que orienta a atuação norteamericana no sistema internacional, ou seja, desde o fim da Segunda

Guerra Mundial, o gênio pragmático do estrategista norte-americano vem fazendo uso de axiomas que articulam grandiosas alianças internacionais em benefício próprio⁴⁵.

Portanto, a novidade que a Doutrina Trump traz não é a colocação dos interesses americanos em prioridade, mas, sim, a tentativa de manter o mundo americano, que vige desde o fim do mundo europeu. Observe, com atenção, que o *America First* é um paradigma estratégico de fortalecimento do Estado norte-americano a partir da proteção do seu mercado interno, que, como já visto anteriormente, foi usado com sucesso durante a vigência da ordem mundial eurocêntrica, no período entre Guerras (Entre 1919 e 1939).

Com a devida sofisticação acadêmica, é preciso olhar com olhos de ver, que a NSS de Trump não se comunica, nem com o **conceito de desengajamento** da liderança global dos Estados Unidos e nem com o primeiro arquétipo do “*America First*” da ordem eurocêntrica, cuja lógica de construção abdicava do controle direto e imediato da ordem internacional⁴⁶.

Ao contrário, é inegável que a engenharia de poder traçada pela Doutrina Trump busca a mitigação do geopoder chinês em escala planetária e a consequente retomada da liderança global estadunidense. Por isso é que parcela significativa da comunidade estratégica do País prioriza o espaço interno norte-americano antes reservado aos interesses difusos insculpidos nos grandes arranjos multilaterais supostamente controlados pelos Estados Unidos da América.

Em consequência disso, a NSS de Trump afasta-se da clássica teoria da tríade de Zbigniew Brzezinski (alianças democrático-capitalistas com União Europeia e Japão), estabelecendo em seu lugar o conceito de “*America em primeiro lugar*”, arquétipo protecionista desenvolvido contra

⁴⁵ Com rigor, as construções estratégicas estadunidenses têm o condão de exportar as suas próprias ameaças para os países do resto do mundo que, por sua vez, vão se movimentar na cena internacional sob os influxos da liderança norte-americana, porém, pensando se tratar de seus autênticos e legítimos interesses, quando, na verdade, nada mais são do que objetivos da nação hegemônica.

⁴⁶ No Prefácio da edição brasileira de vinte anos de crise de autoria de Edward Hallett Carr, Eiiiti Sato destaca que os Estados Unidos haviam se tornado o maior produtor de bens industriais e o maior exportador de capitais, além de continuar sendo também o maior produtor de bens primários. Esse fato trouxe várias consequências importantes. Em termos financeiros, o peso dessa enorme economia desenvolvendo uma política autônoma, bem ao gosto de sua tradição de isolacionismo, que se manifestara no plano político pela não participação na Liga das Nações, era por si só um fator de desestabilização ou, na expressão de Cleveland, fazia dos Estados Unidos “um touro se movendo na loja de porcelanas do sistema monetário do mundo”. (CARR, 2001, p. xix).

a China, classificada como potência rival, juntamente com a Rússia, pela própria estratégia de segurança nacional:

Os Estados Unidos responderão ao crescente quadro de competições políticas, econômicas e militares, que grassam ao redor do mundo. China e Rússia desafiam o poderio americano, sua influência e seus interesses, um artifício para erodir a segurança e a prosperidade americanas. Eles estão determinados a tornar a economia mundial menos livre e justa, a incrementar seus poderes militares, a controlar a disseminação da informação e dados para reprimir suas sociedades internas e a expandir sua influência. (UNITED STATES, 2017, p.2⁴⁷).

É por isso que, na visão de Trump, não há mais espaço para arranjos multilaterais de comércio, que nada mais fazem do que prejudicar a economia dos EUA, sendo, pois, imperioso ao País enfrentar diretamente a China, daí a implantação da Guerra Comercial, como forma de manter a influência, os valores e a riqueza dos EUA.

É nesse sentido que cabe questionar: quais seriam as razões geopolíticas que levam o gênio pragmático do estrategista norte-americano a desconstruir sua própria criação, talvez sua obra-prima do tempo presente e que é a iniciativa das grandes alianças transoceânicas (atlântica e pacífica), concebidas pelo seu antecessor Barack Obama, exatamente com a finalidade de conter o avanço chinês no mundo globalizado?

De tudo se vê, por conseguinte, que a NSS de Trump é aparentemente contraditória com a posição de líder da ordem mundial neoliberal até então ocupada pelos Estados Unidos. Como entender, em pleno século XXI, a geopolítica norte-americana desconstruindo a globalização neodarwinista⁴⁸, que ela mesmo edificou diretamente desde a queda do muro de Berlim, em 1989?

O que é importante compreender é que a America First National Security Strategy não deixou de estar atrelada ao projeto epistemológico

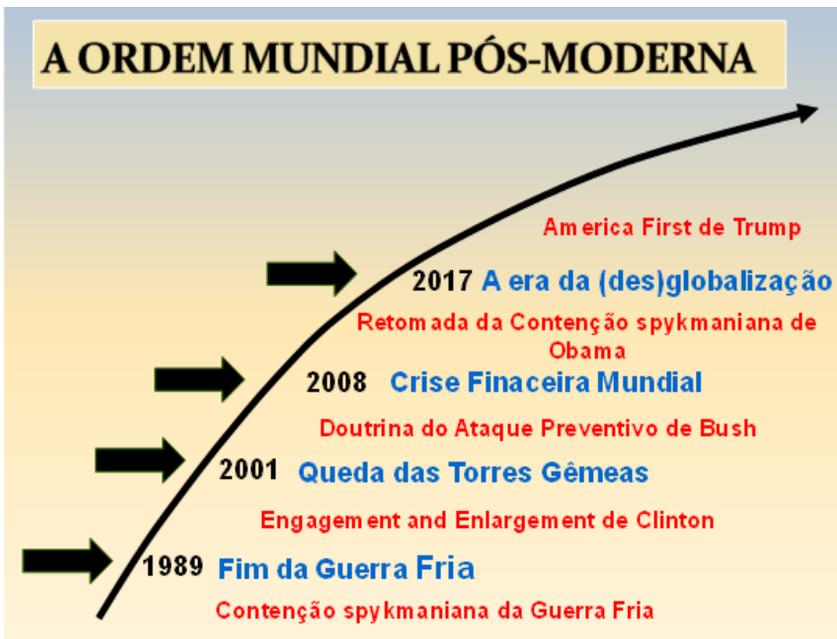
⁴⁷ "The United States will respond to the growing political, economic, and military competitions we face around the world. China and Russia challenge American power, influence, and interests, a emptying to erode American security and prosperity. They are determined to make economies less free and less fair, to grow their militaries, and to control information and data to repress their societies and expand their influence". (UNITED STATES, 2017, p.2)

⁴⁸ Uma globalização neoliberal, que responde aos interesses nacionais específicos dos Estados de capitalismo avançado, bem como às necessidades de circulação planetária das frações mais concentradas do capital transnacional. (EZCURA, 1998, p. 19).

da pax americana, calcado na retomada da liderança global estadunidense. O que muda é o arquétipo estratégico que passa a ser considerado como qualitativamente superior aos demais modelos anteriores concentrados nas grandes alianças multilaterais.

Ou seja, na visão de seus construtores, a Doutrina Trump, na qualidade de versão mais atualizada e superior das NSS dos EUA, altera o arquétipo do Europe First, em vigor desde o Plano Marshall de 1947,⁴⁹ para retomar o paradigma do America First e com isso reestabelecer uma **nova versão do mundo americano**, agora não mais capitaneado pela globalização neoliberal de grandes arranjos multilaterais, mas, sim, pela supremacia militar e tecnológica dos Estados Unidos.

A figura destaca todo o perfil de evolução das quatro grandes estratégias de segurança nacional dos Estados Unidos, que antecederam a Doutrina Trump.



Fonte: o autor.

⁴⁹ Como bem destaca Eric Hobsbawm: "Felizmente para os aliados dos EUA, a situação da Europa Ocidental em 1946-7 parecia tão tensa que Washington sentiu que o fortalecimento da economia européia e, um pouco depois, também da japonesa, era a prioridade mais urgente, e o Plano Marshall, um projeto maciço para a recuperação européia, foi lançado, em junho de 1947". (HOBSBAWM, 1995, p. 189)

não representa apenas o último estágio epistemológico do pensamento norte-americano, mas, simboliza, principalmente, a ruptura com todos os outros modelos que lhe antecederam. Com rigor, o que se quer aqui reafirmar é a mudança de cosmovisão da NSS de Trump, que se afasta do encômio econômico liberal de abertura mundial do comércio, para se aproximar da racionalidade isolacionista, verdadeiramente protecionista, que viabiliza o “giro geopolítico da (des)globalização” do tempo presente, provocado, por sua vez, pelo “giro de engrandecimento do geopoder chinês”, que se materializa com a deflagração da convergência entre o Cinturão Econômico da Rota da Seda (por terra) e a Rota da Seda Marítima do Século XXI (por mar).

Levando em consideração que o paradigma mackinderiano-spykmaniano tem ínsito a permanente tensão entre uma expansão baseada na teoria do poder terrestre de Mackinder e uma contenção pautada na teoria das fímbrias de Spykman, a NSS de Trump não tardou a perceber que as alianças transoceânicas engendradas pela NSS de Obama não tinham latitude cratológica para deter a expansão da China.

Com atenção, o leitor haverá de notar que a negação do paradigma mackinderiano-spykmaniano sinaliza, de certa maneira, as limitações americanas para competir com a China dentro da economia de mercado. Portanto, a retomada do conceito *America First* só pode ser plenamente entendida a partir dessa perspectiva de protecionismo econômico-comercial dos EUA em relação à China.

O apotegma é simples: em tempos de estatalidade pós-moderna, aquele que protege seu mercado interno é aquele que perdeu competitividade internacional.

Em apertada síntese, a racionalidade geopolítica vinculante da China é a convergência entre terra e mar, que coloca, lado a lado, o Cinturão Econômico da Rota da Seda de vias terrestres e a Rota da Seda Marítima do Século XXI de vias marítimas. Daqui se extrai a importância dessa racionalidade geopolítica, qual seja permitir a expansão da China em direção às massas terrestres euro-africanas (Europa e África) e euro-asiáticas (Europa e Ásia), evitando, a um só tempo, o caminho congestionado do estreito de Malaca e o caminho conflituoso do Mar do Sul da China.

Diante disso, o estrategista norte-americano não hesitou em adotar movimento disruptivo com relação aos grandes arranjos de cooperação multilateral, substituindo-os pela modelagem protecionista

que pode reforçar a musculatura geopolítica dos EUA. Com isso, o papel marcadamente protetivo-isolacionista da Estratégia América First acaba por emitir sinais contraditórios para o processo de globalização da economia.

É por tudo isso que é importante a cooperação entre rivais como arma para evitar aquela imagem clausewitziana da batalha decisiva do jogo de soma zero que se transforma em jogo de forças geopolíticas contrapostas, imagem esta que, em última instância, serve também como substrato científico para a visão de que pax americana e pax sinica não se coadunam⁵⁰.

Em termos simples, nem a China tem condições de impor ao mundo uma pax sinica e nem têm os EUA a capacidade de reeditar a *pax americana*,⁵¹ nos termos do modelo pós-1945 (apogeu do seu poderio global). Nesse sentido, Noam Chomsky diz:

O declínio está em marcha desde o ponto mais alto do poder dos EUA logo após a Segunda Guerra Mundial, e a extraordinária retórica da década de triunfalismo depois que a União Soviética implodiu foi em sua maior parte autoilusão. Além disso, o corolário que em regra é proposto – de que o poder vai mudar de mãos para a China e a Índia – é duvidoso. São países pobres com graves problemas internos. O mundo está se tornando mais diversificado; contudo, apesar do declínio dos Estados Unidos, num futuro próximo não há concorrente para o poder hegemônico global. (Chomsky, 2017, p.78).

⁵⁰ A China entrou no novo milênio a partir de uma realidade totalmente distinta da vivenciada pela Rússia e caracterizada essencialmente pela continuidade de uma estratégia de alto crescimento sob o controle do Partido Comunista Chinês. (...) A crescente dependência da China às importações de energia e a ruptura do status quo regional decorrente de sua ascensão econômica e política vêm marcando uma realidade de maior rivalidade com os interesses estratégicos dos Estados Unidos. (...) A China transformou-se, do ponto de vista dos Estados Unidos, numa potência insatisfeita com seu status regional. A China, por seu turno, passou a considerar os Estados Unidos e a sua política no Pacífico e o apoio a Taiwan um grande obstáculo ao seu processo de “ascensão pacífica”. (FIORI, 2008, p.272)

⁵¹ Na visão José Luis Fiori: “Com certeza, não se trata de uma crise final do poder norte-americano, nem seu poder militar global está sendo desafiado nesse momento. Paradoxalmente, os Estados Unidos estão perdendo capacidade de intervenção unilateral em quase todas as regiões do mundo, aumentando o grau de liberdade dos demais Estados, em particular, das suas velhas e novas potências do sistema mundial”. (FIORI, 2007, p. 181).

À guisa de conclusão, a hodierna enumeração cratológica de poder hegemônico mostra que a ordem mundial pós-moderna caminha na incerteza geopolítica, que já não se expressa apenas com a globalização neoliberal, agora supostamente capitaneada por uma tríade não inteiramente democrática (China, Europa e Japão), mas, que, também se expressa com o nacionalismo protecionista norte-americano, direcionado para o reforço de sua musculatura geopolítica, que se contrapõe, ou, pelo menos, tensiona com o projeto epistemológico de abertura mundial do comércio e redução jurídica do Estado. No meio disso tudo, países de modernidade tardia (Estados da periferia do sistema mundial) desorientados e sem saber para onde caminhar.

É nesse sentido que se torna imprescindível para o estrategista hodierno investigar tal ordem pós-moderna sob dois grandes eixos epistemológicos, a saber:

a) o eixo horizontal que se perfaz a partir do jogo desconcertado entre potências globais (EUA, China, Europa e Japão), caracterizando aqui a competição multidimensional no centro da geopolítica mundial; e

b) o eixo vertical que se estabelece com o jogo concertado entre as potências globais e o resto do mundo, caracterizando aqui a verticalização de relações assimétricas de cunho leonino entre centros mundiais de poder e áreas periféricas de modernidade tardia.

CONCLUSÃO

Este trabalho acadêmico procurou ab initio usque ad mais analisar a relação epistêmico-conceitual entre a geopolítica mundial e a evolução do pensamento estratégico norte-americano.

Pela sistematização realizada, foi possível constatar que a ordem internacional não se perfaz sozinha, ao revés, é fruto direto da interferência de nações hegemônicas, cuja dimensão cratológica é capaz de modelar o sistema de relações internacionais. Com efeito, pela sua dimensão estratégica, os modelos de segurança nacional dos EUA tendem a possuir efeitos de extraterritorialidade, que avançam diretamente sobre o espaço interno das demais nações do mundo. Dotadas de extraordinária lógica de construção, as estratégias estadunidenses buscam sempre concepções

teóricas que lhes sirvam de fundamento para o engrandecimento geopolítico do País.

Sob este aspecto, é lícito afirmar que o estudioso da geopolítica e das relações internacionais terá dificuldade de compreender a dinâmica da Guerra Fria sem conhecer, seja a Estratégia da Contenção de George Frost Kennan, inspirada na teoria das fimbrias de Spykman, seja a Estratégia de expansão soviética, calcada na teoria do poder terrestre de Mackinder.

Da mesma forma, como entender a globalização da economia e a abertura neoliberal do mercado mundial sem conhecer o grandioso esquema denominado “Constelação Mundial do Comércio”, engendrado pela Estratégia do Engajamento e da Ampliação de Bill Clinton. Ou ainda, como reconhecer as bases que informam a Guerra ao Terror, bem como a ascensão geopolítica da China, sem conhecer a Estratégia do Ataque Preventivo de George W. Bush e sua guinada estratégica na direção do hard power (retomada da primazia do campo militar) em detrimento do soft power (mitigação do campo econômico-comercial).

Ainda nesse mesmo diapasão, como captar a recomposição de forças hegemônicas feita com europeus e japoneses, vislumbrada pela Estratégia das Grandes Alianças Transoceânicas (Aliança Transatlântica e Aliança Transpácífica) de Barack Obama e cuja finalidade era conter a expansão mundial chinesa a partir da confluência do Cinturão Econômico da Rota da Seda e da Rota da Seda Marítima do Século XXI.

Finalmente, como entender a negação do fenômeno da globalização (desglobalização), a revivificação neoconservadora do nacionalismo isolacionista norte-americano e a atuação da China como novo centro difusor do sistema neoliberal de comércio, sem conhecer as bases teóricas que sustentam a Estratégia do “America First” da Administração de Donald Trump.

Em plano acadêmico mais elevado, compreendeu-se que as NSS dos EUA bebem na ideia-força de que segurança nacional e prosperidade econômica caminham indissolúvelmente juntas. Aliás é neste mister que se acredita que o estadista e o legislador norte-americanos terão que repensar o atual paradigma do America First, considerando agora novas formas de interação internacional e novas fórmulas de competição tecnológica e comercial.

É imperioso compreender a complexa reconfiguração da ordem mundial pós-moderna, que se destaca pelo jogo geopolítico de disputa por estruturas hegemônicas de poder mundial, tendo-se, de um lado, a

tentativa de restabelecimento de um mundo americano (pax americana) e, do outro, a tentativa de implantação de um mundo chinês (pax sinica), ou pelo menos, de uma ordem mundial multipolar.

Com efeito, há que se reconhecer que o cenário internacional do atual momento histórico não permite tanto entusiasmo no que diz respeito à consolidação de um mundo efetivamente multipolar, calcado no projeto axiológico kantiano de paz perpétua e garantia dos direitos humanos em escala planetária.

Ou seja, nem estamos vivendo sob o jugo da unipolaridade geopolítica de pax americana e nem sob a ordem mundial multipolar de democracia cosmopolita kantiana.

WORLD GEOPOLITICS AND AMERICA'S GRAND NATIONAL STRATEGY: EPISTEMOLOGICAL INSEPARABLE DIALOGUES

ABSTRACT:

The present work has the objective of analyzing the epistemological connection involving the world geopolitics and the strategies of national security of the United States of America. In this sense, within the framework of the post-Eurocentric world, studies are carried out regarding the North American strategic models and their impacts on the formation of the world geopolitical order. In order to do so, we will study the main global strategies of the United States, from the strategic model of the Containment of George Frost Kennan to the Trump Doctrine of America First, first passing through the strategic paradigm of Bill Clinton's Engagement and Enlargement, by the strategic construction of the Bush Doctrine of the post-September 11 era, and finally by Barack Obama's National Rebuilding and Global Leadership Strategy. It is in this sense that today's international relations scholar has the task of identifying the inseparable links between global geopolitics and the evolution of North American strategic thinking.

Keywords: National Strategy of Containment. National Strategy of Engagement and Enlargement. Doutrina Bush (Defending The Nation Against Its Enemies). Doutrina Obama (Nation Renewal and global leadership). Doutrina Trmp (Making America Great Again).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALVES PEREIRA, Antonio Celso. A reforma das nações unidas e o sistema internacional contemporâneo. In: Desafios do direito internacional contemporâneo. Organizador Antônio Paulo Cachapuz de Medeiros. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.
- ASPIN, Les. Report on the bottom-up review. Washington, DC: s.ed.,1993.
- BARROSO, Luís Roberto. Fundamentos teóricos e filosóficos do novo direito constitucional brasileiro (pós-modernidade, teoria crítica e pós-positivismo). In: A nova interpretação constitucional. Ponderação, direitos fundamentais e relações privadas. Organizador Luís Roberto Barroso. Rio de Janeiro, Renovar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BEAUFRE, André. Introdução à estratégia. Tradução de Luiz de Alencar Araripe. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1998.
- BERCOVICI, Gilberto. O Estado de exceção econômico e a periferia do capitalismo. In: e-premissas, Revista de estudos estratégicos, nº 2, jan/jun 2007.
- BOBBITT, Philip. A guerra e a paz na história moderna: o impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações. Tradução Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BREMMER, Ian; ROUBINI Nouriel. A G-Zero World. The new economic club will produce conflict, not cooperation. In: FOREIGN AFFAIRS, mar-apr, 2011. Disponível em://www.foreignaffairs.com/articles/2011-01-31/g-zero-world. Acesso em 20 de nov 2018.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. The choice: global domination or global leadership. New York, Basic Books, 2004.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. Second chance: three presidents and the crisis of american superpower. New York, Basic Books, 2007.

CARR, Edward H. Vinte anos de crise: 1919-1939. Uma introdução ao estudo das relações internacionais. Tradução de Luiz Alberto Figueiredo Machado. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001.

CHOMSKY, Noam. Quem manda no mundo? Tradução de Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2017.

_____. 11 de setembro. Tradução Luiz Antonio Aguiar. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. Contendo a democracia. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2003.

DARON, Acemoglu. Por que as nações fracassam: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza. Tradução de Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

EZCURRA, Ana Maria. Qué es el neoliberalismo? evolución y límites de un modelo excluyente. Argentina: Lugar Editorial, 1998.

FIORI, José Luís. O poder global e a nova geopolítica das nações. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. O mito do colapso do poder americano. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FRIEDMAN, Thomas. O mundo é plano: uma breve história do século XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FUKUYAMA, Francis. O fim da história. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1998.

GADDIS, John Lewis. The long peace: elements of stability in the postwar international system. In: *International Security*, v. 10, n. 4, The MIT Press: Spring, 1986.

HABERMAS, Jürgen. Direito e democracia entre facticidade e validade. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HIRSH, Michael. Bush and the world. In: *Foreign Affairs*. v.81, n. 5, sep-oct 2002.

HOBSBAWN, Eric. Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão técnica de Maria Célia Paoli. São

Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNTINGTON, Samuel. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1998.

IRTI, Natalino. Norma e luoghi: problemi di geo-diritto. Roma, Bari: Laterza, 2005.

_____. Geodireito. Tradução Alfredo Copetti Neto, André Karan Trindade. Conferência sobre biodireito e geodireito. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2002.

KANT, Immanuel. À paz perpétua. Porto Alegre: L&PM, 1989.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph; HOFFMANN, Stanley. After the cold war: International institutions and state strategies in Europe, 1989-1991. Harvard University Press, 1994.

KHANNA, Parag O segundo mundo. Impérios e influência na nova ordem global. São Paulo: Intrínseca, 2008.

KISSINGER, Henry. Ordem mundial. Tradução de Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

_____. Sobre a China. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

_____. American Foreign Policy. 2 ed. Nova York: W. W. Norton & Company, 1977.

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. Geopolítica: introdução ao estudo. São Paulo: Sicurezza, 2006.

MARRONI, Luciana Mascarenhas da Costa. China: potência militar mundial na próxima década? In: Revista Marítima Brasileira. Seção EGN.

2ºT, v.128, p.201-216, 2008.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A desordem mundial: O espectro da total dominação: Guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

NYE, Joseph. Soft power: The means to success in world politics. Cambridge: Perseus Book, 2004.

PARET, Peter. Construtores da estratégia moderna. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

RAMONET, Ignácio. A geopolítica do caos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ROGIN, Josh. An early look at Obama's National Security Strategy. In: Foreign Policy, The Cable, may 2010.

SCHAWARTZ, Peter. Cenários: as surpresas inevitáveis. Tradução Maria Batista. Rio de Janeiro: Campus, 2003

TESCHKE, Benno. The myth of 1648: class, geopolitics and making of modern international relations. Londres, Nova York: Verso, 2003.

TUATHAIL, Gearóid Ó. Critical geopolitics: the politics of writing global space. Minnesota: University of Minnesota Press, Bordelines series, v.6, 1996.

UNITED STATES. U. S. National Strategy of Engagement and Enlargement. Administration of William Clinton. Washington, D.C. Press, febl. 1996.

UNITED STATES. U.S. National Strategy of Defending The Nation Against Its Enemies. Administration of Georg W. Bush. Washington, D.C. Press, sep. 2002.

UNITED STATES. U.S. National Strategy of Nation Renewal and Global Leadership. Administration of Barack Obama. Washington, D.C. Press, may. 2010.

UNITED STATES. U.S. National Strategy of Making America Great Again. Administration of Donald Trump. Washington, D.C. Press, dec. 2017.

Recebido em : 11/10/2018
Aprovado em: 27/12/2018